



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

FRANCIANE DA SILVA

**A INSERÇÃO DAS CRIANÇAS DE 1 A 2 ANOS DE IDADE NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: a percepção das professoras**

ARARANGUÁ – SC
2014.

FRANCIANE DA SILVA

**A INSERÇÃO DAS CRIANÇAS DE 1 A 2 ANOS DE IDADE NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: a percepção das professoras**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Especialização em Docência na
Educação Infantil como pré-requisito para a
obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Regina Ingrid
Bragagnolo

Araranguá – SC

2014.

Franciane da Silva

**A INSERÇÃO DAS CRIANÇAS DE 1 A 2 ANOS DE IDADE NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: A PERCEPÇÃO DAS PROFESSORAS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do grau de Especialista em Docência na Educação Infantil, e aprovado em sua forma final pela Coordenação do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil da Universidade Federal de Santa Catarina.

Araranguá, 13 de Setembro de 2014.

Prof^a. Dra. Soraya Franzoni Conde
Coordenadora do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil

Banca Examinadora:

Orientadora: Prof^a. Dra. Regina Ingrid Bragagnolo

Membro: Prof^a. Ms. Giseli Day

Membro: Prof^a. Ms. Raquel Barbosa

Suplente: Prof^a. Dr^a Caroline Machado Momm

Dedico este trabalho de conclusão de curso, primeiramente a Deus que me deu saúde e forças para persistir nessa formação continuada. A minha família que se fez presente em todos os momentos dessa etapa colaborando e incentivando para conclusão desse trabalho. E a minha orientadora por sua competência profissional, paciência e dedicação na realização desse trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por conduzir-me em todos os momentos dessa trajetória, por ter me orientado nas minhas ações e dar-me forças e saúde para vencer os momentos de ansiedade e angústia.

A minha família maravilhosa, meus pais Gilberto da Silva e Elza Savi Paim, minha avó paterna Terezinha Pereira e a minha irmã Bruna da Silva, que sempre me incentivaram desde a etapa inicial da inscrição para aproveitar essa oportunidade maravilhosa de fazer uma especialização na UFSC. E durante o curso me incentivaram com suas palavras sábias a nunca desanimar, pois um dia você alcançar seus objetivos.

Ao meu esposo Marquezan Réus que sempre esteve ao meu lado com sua paciência e dedicação, compreendendo cada momento de angústia, excesso de afazeres, mas que mesmo assim estava ali contribuindo para concretização desse trabalho.

Agradeço ao Centro de Educação Infantil de Maracajá, por dar-me a oportunidade de realizar a pesquisa a campo com sua equipe de professoras, a todos da instituição os meus sinceros agradecimentos a colaboração e confiança depositada.

Um agradecimento em especial a professora orientadora Dra. Regina Ingrid Bragagnolo que sempre esteve presente na elaboração desse trabalho, me auxiliando e compartilhando sua experiência e sabedoria. Contribuindo assim para a minha formação continuada e para concretização dessa pesquisa. A ela todo meu carinho e homenagem.

Entendo meus agradecimentos a todos os professores do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil as reflexões e discussões desenvolvidas nas aulas contribuíram para conclusão desse trabalho final.

Ao secretário de Educação do Município de Maracajá Denner Lucas Casagrande que permitiu a liberação do trabalho durante o desenvolvimento das disciplinas, a você todo meu respeito e admiração, obrigada pela confiança depositada e ainda por valorizar a importância da formação continuada para os professores da rede.

É difícil agradecer a todas as pessoas que de algum modo direta ou indiretamente contribuíram em momentos apreensivos e angustiantes na realização do trabalho, dessa forma a todos envolvidos meus sinceros agradecimentos.

A conquista de hoje também é de vocês, pois sem suas contribuições essa vitória não se concretizaria!

“Sabemos que enfrentar o novo não é fácil em qualquer idade e muitas vezes nem é prazeroso. No entanto, a superação do desprazer e das dificuldades iniciais pode ser uma experiência gratificante que nos encoraja a enfrentar novos desafios e com graus de complexidade cada vez maiores.”

Jussara Vidal

RESUMO

Este trabalho tem como tema a inserção das crianças de 1 a 2 anos de idade na Educação Infantil, tendo como base a percepção das professoras. Elegemos como objetivo geral: analisar a concepção das professoras a respeito do processo de inserção da criança de 1 a 2 anos na Educação Infantil. A partir de então, definimos os seguintes objetivos específicos: realizar um levantamento bibliográfico sobre o tema; investigar se a instituição educativa realiza projetos ou proposições pedagógicas direcionadas para o período de inserção das crianças; analisar o papel da professora no processo de inserção das crianças; por fim compreender qual a importância da relação C.E.I x família para inserção das crianças na Educação Infantil. Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, de modo que foi realizada a análise dos dados a partir do referencial teórico, fundamentado em diversos autores. A coleta dos dados do campo foi realizada em um Centro de Educação Infantil (C.E.I) no Município de Maracajá, em 2014. Os dados foram coletados mediante entrevistas, questionários, observações e fotos. A partir dos registros de diários de campo, a sistematização dos dados foi organizada em três categorias: Papel da professora na relação com a criança, papel da professora no planejamento e relação C.E.I e família e analisada a partir do referencial teórico estudado. Os resultados obtidos revelaram que a inserção está sendo valorizada na Educação Infantil e esta importância está situada na relação criança e professora para construção de vínculos, de uma professora atuante e observadora que respeite as crianças em suas singularidades e particularidades, de um planejamento específico para o período de inserção. Dentre esses aspectos, verificou-se também a importância da relação C.E.I e família, entretanto ficou evidente com os resultados da pesquisa, um distanciamento entre ambos.

Palavras-chave: Inserção. Educação Infantil. Professoras.

SUMÁRIO

1 PROBLEMA/DELIMITAÇÃO DO TEMA:	8
1.1 OBJETIVOS	11
1.1.1 Objetivo Geral:	11
1.1.2 Objetivos Específicos:	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 BREVES NOTAS SOBRE A INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL.....	12
2.2 INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	16
2.3 AÇÃO DOCENTE: CONTRIBUIÇÕES E INQUIETAÇÕES NO PERÍODO DE INSERÇÃO	19
3 METODOLOGIA	23
6- APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	28
6.1 PAPEL DA PROFESSORA NA RELAÇÃO COM A CRIANÇA	28
6.2 PAPEL DA PROFESSORA NO PLANEJAMENTO	33
6.3 RELAÇÃO C.E.I E FAMÍLIA.....	39
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47
APÊNDICE	49

1 PROBLEMA/DELIMITAÇÃO DO TEMA:

Esta pesquisa tem como foco principal a inserção das crianças de 1 a 2 anos na Educação Infantil e se justifica porque faz parte do trabalho pedagógico pensar, planejar e organizar esse momento de acolhida das crianças e família para construção de vínculos.

A partir de estudos realizados, Rossetti-Ferreira; Vitoria e Goulardins (2001); Borges (2002) e Rapoport (2008) compreende-se que a inserção é um processo contínuo que se aplica às mudanças dos indivíduos nas suas relações com o meio, e como tal, implica no crescimento e desenvolvimento. É, contudo, marcado pelo momento em que a criança e sua família passam a criar novas relações afetivas com um novo grupo que se encontra na sociedade, caracterizando o início da vida escolar da criança.

Essa pesquisa se desenvolveu considerando a importância do processo de inserção das crianças nas instituições de Educação Infantil, bem como o trabalho, as mediações realizadas do ambiente familiar para o escolar. Sendo assim, instituições educativas e profissionais da educação devem estar dispostos a considerar a vasta diversidade cultural presente no contexto escolar, tendo como foco um olhar atento às ações e atitudes das crianças, procurando conhecer o histórico da mesma, assim como desenvolver estratégias que atendam às necessidades de todas as crianças, proporcionando segurança e acolhimento.

O processo de inserção da criança e, conseqüentemente, de interações sociais na instituição infantil é um momento muito importante e especial, não somente para as mesmas, mas para a creche/ pré-escola e famílias, pois gera mudanças e transformações para todos. “Momento de viver o novo, expectativas que impõem disponibilidade, planejamento e reorganização.” (BORGES, 2002, p. 27).

Segundo pesquisadora (Baladan, 1988) a inserção gera muitas expectativas, ansiedade, insegurança, angústias, medos, dúvidas e sofrimento diante da separação iminente em familiares, crianças e professores. O ingresso da criança nas creches e pré-escolas é percebido de diferentes formas pelos mesmos, o que desencadeia comportamentos diferenciados. Assim, algumas crianças comunicam seus sentimentos de aflição ou ansiedade por meio de choro ou, então, recusando-se a sair do lado de seus pais. Além disso, alguns apresentam também sentimento de solidão que acaba isolando-as de manter uma interação com o grupo e se negam a participar das atividades realizadas, atitudes essas que muitas vezes tem como consequência a evasão da criança da creche e pré-escola.

Por essas razões a presente pesquisa procurou “analisar como é entendido pelas

professoras¹ o processo de inserção da criança de 1 a 2 de idade na Educação Infantil.”

Cabe, neste momento, diferenciar os termos designados para se referir a esse ingresso da criança na instituição de Educação Infantil: adaptação e inserção. O termo adaptação é definido com um tempo determinado para se acomodar e ajustar-se ao meio social, se adaptar às regras e rotinas da instituição, a ausência de choro é um indício de que a criança já está adaptada. Segundo o dicionário Brasileitura (1998) adaptação significa “ato ou efeito de adaptar, acomodação”.

Em contrapartida, o termo inserção denomina a ação de se relacionar com criança e adultos, manter uma interação social, criar laços afetivos com um novo grupo que se encontra na sociedade e reconhecer a importância de um acolhimento que garanta a participação da família, por meio de um projeto direcionado para esse momento de transição. Por defender que a entrada da criança nas creches/ pré-escolas não se limita aos conceitos estabelecidos nos termos da adaptação (ato ou efeito de adaptar, acomodação), optou-se nessa pesquisa pelo termo “inserção”.

O ingresso da criança na Educação Infantil traz especificidades que precisam ser contempladas para que o processo de inserção ocorra de maneira tranquila e eficaz. Para garantir à criança uma educação de qualidade levando em consideração esse período, alguns documentos orientam essa prática pedagógica nas instituições. Pode-se destacar: O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2010), Parâmetros Nacionais de qualidade para Educação Infantil (2006), Regimento interno do CEI (2014), Proposta Curricular do Município e PPP².

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil destaca a questão das mudanças de comportamento das crianças nesse período (choro, resistência, isolamento) e reconhece a importância indispensável da família nesse processo, já que considera que são essas as pessoas que mais conhecem a criança e que podem fornecer informações significativas que contribuam nesse processo.

Ainda conforme Brasil (1998, p. 80):

¹ Usamos professoras no feminino porque nossas informantes nessa pesquisa são todas mulheres.

² Nada consta sobre inserção na Proposta Curricular do Município e o PPP da instituição encontra-se em processo de construção.

No primeiro dia da criança na instituição, a atenção do professor deve estar voltada para ela de maneira especial. Este dia deve ser muito bem planejado para que a criança possa ser bem acolhida. É recomendável receber poucas crianças por vez para que se possa atendê-las de forma individualizada. Com os bebês muito pequenos, o principal cuidado será preparar o seu lugar no ambiente, o seu berço, identificá-lo com o nome, providenciar os alimentos que irá receber, e principalmente tranquilizar os pais. A permanência na instituição de alguns objetos de transição, como a chupeta, a fralda que ele usa para cheirar, um mordedor, ou mesmo o bico da mamadeira a que ele está acostumado, ajudará neste processo.

O Referencial dá orientações de como proceder nesse período. De acordo com sua visão, tudo precisa ser bem planejado e organizado. O espaço deve levar em conta os gostos e preferências das crianças e essas informações podem ser coletadas por meio de entrevistas com os responsáveis antes de iniciar o período de inserção, a rotina deve ser flexível, as atividades atrativas e a participação da família no trabalho educativo deve ser a peça fundamental. “A participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização de suas formas de organização.” (BRASIL, 2010, p.19).

De modo geral, segundo os documentos legais é indispensável à instituição de Educação Infantil desenvolver um trabalho pedagógico interagindo criança- instituição-família, ou seja, quando a família está instruída e segura, com certeza contribuirá significativamente nesse processo.

O período de acolhimento inicial (“adaptação”) demanda das professoras, professores, gestoras e gestores uma atenção especial com as famílias e/ou responsáveis pelas crianças possibilitando, até mesmo, a presença de um representante destas nas dependências da instituição. (BRASIL, 2006, p. 32).

O Regimento Interno do Centro de Educação Infantil pesquisado tem um capítulo denominado “Inserção e acolhimento” que destaca:

O período de Inserção e acolhimento consiste em uma fase nova, principalmente para as crianças que nunca frequentaram o Centro de Educação Infantil, por isso, é um momento gerador de ansiedade, insegurança, alegria, entre outros sentimentos que variam de grau a depender de cada criança e de seu ambiente familiar. Assim o período de inserção escolar é singular a cada criança. A inserção da criança está na dependência da orientação da educadora, que deverá conhecer suas necessidades básicas, suas características evolutivas e ter informações quanto aos aspectos de saúde, higiene e alimentação. (MARACAJÁ, 2014, p. 11).

Enfim, os documentos buscam garantir um atendimento diferenciado no período de acolhimento das crianças na instituição, onde os direitos das crianças sejam garantidos e suas especificidades respeitadas.

Contudo, essa pesquisa espera contribuir para futuras discussões referentes à inserção da criança na Educação Infantil e oferecer subsídios para futuras práticas pedagógicas.

Além da presente problemática/ delimitação do tema, este trabalho, portanto foi organizado em capítulos. O capítulo seguinte aborda o referencial teórico que foi organizado em subcapítulos, nas quais são desenvolvidas as seguintes reflexões: breve contextualização sobre a infância e a Educação Infantil. Na sequência, apresentamos a inserção na Educação Infantil e complementando com ação docente: contribuições e inquietações na inserção.

Logo, no terceiro capítulo descreve-se a metodologia utilizada, incluindo os sujeitos envolvidos na pesquisa e os procedimentos relacionados à análise dos dados coletados.

O quarto capítulo apresenta a análise dos dados da pesquisa articulada, com base no referencial teórico.

E ainda para finalizar, foram apresentadas as considerações finais, que trazem uma síntese do trabalho desenvolvido e dos resultados obtidos.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral:

Analisar como é entendido pelas professoras o processo de inserção da criança de 1 a 2 anos na Educação Infantil.

1.1.2 Objetivos Específicos:

- a) Realizar levantamento bibliográfico sobre o tema;
- b) Investigar se a instituição educativa realiza projetos ou atividades direcionadas para o período de inserção das crianças;
- c) Analisar o papel da professora no processo de inserção das crianças;
- d) Compreender qual a importância da relação C.E.I x família para inserção das crianças na Educação Infantil.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo de referencial teórico foi organizado em subcapítulos, nos quais são desenvolvidas: breves notas sobre a infância e a Educação Infantil; na sequência abordamos a inserção na Educação Infantil. Na continuidade procuramos conceituar as discussões das específicas do ato pedagógico atreladas ao planejamento e por fim algumas questões relativas à especificidade que compõe o período de inserção

2.1 BREVES NOTAS SOBRE A INFÂNCIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL

A trajetória da Educação Infantil, assim como a ideia que se tem atualmente de infância foi sendo historicamente construída, ou seja, foi ao longo dos últimos séculos e da reflexão sobre a realidade que ambas as concepções foram sendo construídas e ampliadas.

Até por volta do século XII, conforme os pesquisadores, a infância era desconhecida ou não era representada na sociedade. “[...] o sentimento e a valorização atribuídos à infância nem sempre existiram da forma como hoje são conhecidos e difundidos, tendo sido determinados a partir de modificações econômicas e políticas da estrutura social.” (KRAMER, 1982, p. 16).

O historiador Philippe Ariès (1981) se refere a este assunto dizendo que nesta época a infância era desconhecida ou não tentavam representá-la, as crianças eram tratadas como “adultos em miniatura”, ingressavam na sociedade dos adultos, não havendo distinção entre o mundo adulto e o mundo infantil. Participavam de todas as atividades sociais: jogos e brincadeiras, profissões, armas. O autor seguiu afirmando que “no mundo das fórmulas românticas, e até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido.” (ARIÈS, 1981, p. 51).

A partir dos estudos realizados pelos autores que respaldam este texto, observou-se que nessa época, as famílias demonstravam uma falta de afetividade em suas atitudes com relação às crianças, aceitando com naturalidade a mortalidade das mesmas. “Era extremamente alto o índice de mortalidade infantil que atingia as populações e, por isso, a morte das crianças era considerada natural. Quando sobrevivia entrava diretamente no mundo dos adultos.” (KRAMER, 1982, p. 17).

A esse respeito, Áries (1981) preconiza ainda que, quando, superado o alto nível de mortalidade, as crianças não eram conservadas em casa, mas enviadas a outras famílias, com

ou sem contrato, para que morassem e começassem suas vidas, ou, nesse novo ambiente, aprendessem as maneiras de um cavaleiro ou um ofício.

Nesse contexto, segundo o autor, somente no século XVII, que ocorreram mudanças sociais consideráveis para a infância, no sentido do reconhecimento das particularidades infantis, contribuindo com a construção da concepção atual de infância. “Definiu-se um novo lugar para a criança e para a família, fruto das novas relações sociais que se estabeleciam pela então sociedade capitalista.” (SANTA CATARINA, 1998, p. 20).

A Proposta Curricular de Santa Catarina (1998) seguiu escrevendo que com os avanços de uma sociedade capitalista e a inserção da mulher no mercado de trabalho houve a necessidade de tutela das crianças que ainda não estavam envolvidas nos afazeres. Dificuldade que será resolvida por instituições já existentes desde a Idade Média, conhecidas por asilos, caracterizadas pela função de guardar e suprir as necessidades básicas das crianças órfãs, abandonadas, carentes e também, os filhos das famílias trabalhadoras.

Contudo, o final da idade média e início da idade moderna trazem novas contribuições, a sociedade foi se transformando e com ela o conceito de infância surgiu, portanto, a necessidade de isolar a criança do mundo sujo dos adultos.

Nesse momento o sentimento de infância corresponde a duas atitudes contraditórias: uma considera a criança ingênua, inocente e graciosa e é traduzida pela paparicação dos adultos, e o outro surge simultaneamente ao primeiro, mas se contrapõe a ele, tornando a criança um ser imperfeito e incompleto, que necessita da ‘moralização’ e da educação feita pelo adulto. (KRAMER, 1982, p. 18).

Na visão da autora esses períodos foram importantes para a valorização da particularidade infantil e para a atual concepção de infância, já que houve uma separação do mundo dos adultos e das crianças, evidenciando em um mundo próprio e autônomo da infância.

Todavia, outra característica marcante dessa época, conforme a Proposta Curricular atrela-se à questão de que as instituições que atendiam a infância passaram a receber a influencia educacional:

[...] as instituições que faziam guarda das crianças em asilos passam a receber a influência desse pensamento educacional. A educação das crianças pobres, órfãs e filhos de trabalhadores começa a adotar os princípios de corrigir, compensar e recuperar sua condição de marginalidade social. (SANTA CATARINA, 1998, p. 20).

Estas instituições, como atendiam as crianças da classe popular, asseguravam que as

mesmas sofriam de “privação cultural”, e a educação compensatória era vista como modo de superação às carências sociais, culturais e afetivas das crianças das camadas populares. Segundo Oliveira (2002, p. 109) ao abordar sobre a educação compensatória destaca que:

[...] essa perspectiva compensatória, o atendimento às crianças dessas camadas em instituições como creches, parques infantis e pré-escolas possibilitaria a superação das condições sociais que estavam sujeitas, mesmo sem alteração das estruturas sociais geradoras daqueles problemas.

De acordo com a Proposta Curricular de Santa Catarina (1998), o conceito de infância foi construído a partir das relações sociais estabelecidas e não em função de uma essência ou natureza da criança. Entretanto, tanto o pensamento pedagógico de caráter tradicional quanto o da Pedagogia Nova desvinculam a ideia de infância dos fatores econômicos e sociais, concebendo a educação como um fenômeno respaldado pela teoria evolucionista.

No Brasil, segundo Santa Catarina (1998) o atendimento institucional para a infância, caracterizou no final do século XIX, apresentando ao longo de sua história concepções bastante divergentes sobre sua finalidade social, pautam-se na concepção assistencialista e na educação compensatória, baseadas na teoria da privação cultural. No entanto, as instituições que atendiam as crianças pequenas assumiam um caráter de “guarda à criança”, privilegiando o lado assistencialista, ou seja, visava contribuir com a vida das crianças visto que, cada uma tinha suas necessidades vitais básicas, como alimentação, higiene e saúde. A esse respeito à Proposta Curricular acrescenta que:

[...] as propostas para a criança de 0 a 3 anos, antes de 1930, apresentam três características básicas: a preocupação com os índices de mortalidades infantil, legislações abordando a criança abandonada e a religiosa voltada para o atendimento dos filhos de trabalhadoras domésticas como também para as crianças advindas da roda dos expostos. (SANTA CATARINA, 1998, p. 21).

O atendimento às crianças de educação infantil nas creches e os asilos eram mantidos pela caridade pública e filantrópica, no qual as mulheres da comunidade acolhiam as crianças, para que as mães conseguissem trabalhar. “Nessa perspectiva, o atendimento era entendido como um favor oferecido para poucos, selecionados por critérios excludentes.” (BRASIL, 1998, p. 17).

Nesse espaço eram ensinadas as crianças regras morais e religiosas. “[...] a igreja também dá sua contribuição neste período. Recebia as crianças e realizava uma ação de doutrina de acordo com seus interesses evangélicos, para que não ficassem abandonadas pelas ruas.” (SANTA CATARINA, 1998, p. 21).

O texto da Proposta Curricular de SC (1998) continua escrevendo que nessa mesma época, voltada para o atendimento às elites, no setor privado, desenvolveu-se a educação pré-escolar no Rio de Janeiro e jardim de infância em São Paulo, em escola pública para atender esta clientela.

Somente na década de 80, mais precisamente com a promulgação, em 1988, da nova constituição Federal, que se estabeleceu um conceito diferenciado para educação infantil, na qual a criança passou a ter seu direito ao atendimento em creches e pré-escolas. “A nova carta Constitucional reconhece o dever do estado de oferecer creches e pré-escolas para todas as crianças de 0 a 6 anos.” (KRAMER et al, 2002, p. 18).

Nesta década, há ainda um fortalecimento da nova concepção de Educação infantil, garantindo em lei os direitos da criança. Cria-se o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) que garante no art. 54 IV “atendimento em creche e pré-escola às crianças de zero a seis anos de idade”. (BRASIL, 1990, p. 9).

Além da constituição federal de 1988 e do estatuto da criança e do adolescente de 1990, destaca-se a Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional, Lei nº 9394 de 20 de Dezembro de 1996, que define no art.29:

A educação na primeira etapa da educação básica tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1996, p.10).

Nessa perspectiva, pensar em educação infantil é refletir sobre o conceito de infância, compreender as crianças como sujeitos sociais e históricos, conhecer a criança que está sendo atendida, com suas diversidades culturais, econômicas e familiares.

Conforme as Diretrizes Curriculares atuais, desde essas conquistas na área da educação infantil vivemos em processo de análise das concepções de educação de crianças que são atendidas nas instituições infantis, buscando propostas que atendam as demandas e necessidades no cotidiano da creche e pré-escola. Foi por meio da percepção da realidade escolar na educação infantil e o desenvolvimento das crianças, que o ministério sentiu a necessidade de construir uma nova Diretriz Curricular para atender a educação infantil e assim determinou:

Primeira etapa da educação básica, oferecida em creches e pré-escolas, às quais se caracterizam como espaços institucionais não domésticos que constituem estabelecimentos educacionais públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de 0 a 5 anos de idade no período diurno, em jornada integral ou parcial, regulados e supervisionados por órgão competente do sistema de ensino e submetidos a controle social. É dever do Estado garantir a oferta de Educação Infantil pública, gratuita e de qualidade, sem requisito de seleção. (BRASIL, 2010, p. 12).

Nesse contexto, para desenvolver um trabalho pedagógico que atenda as novas Diretrizes Curriculares para Educação Infantil, as creches e pré-escolas devem estar vinculadas ao atendimento da criança, as suas peculiaridades e particularidades do desenvolvimento humano, afinal ela é um sujeito de direitos.

Portanto, a inserção da criança no espaço da instituição educativa é um momento muito importante para o desenvolvimento e formação integral da mesma, dessa forma exige da Educação Infantil, acolher as crianças e seus familiares em suas singularidades, ofertando um ambiente estimulante e seguro para a inserção da criança nesse novo contexto.

2.2 INSERÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao longo desse subcapítulo iremos conceituar os dois termos utilizados para denominar a entrada da criança na Educação Infantil, adaptação e inserção. Abordaremos a importância do período de inserção e ainda complementaremos com a necessidade de um planejamento integrando família/instituição.

As discussões na área da Educação Infantil sobre a ação pedagógica passam a repensar os termos utilizados para denominar a entrada das crianças nas creches e pré-escolas.

A entrada da criança nas creches e pré-escolas no município de Maracajá foi referendada até o ano de 2013 com o termo adaptação ou período de adaptação. A partir de discussões e estudos atualizados sobre o ingresso das crianças nas instituições Educação Infantil, a rede municipal passou a usar os termos inserção e inserimento.

De acordo com Rosseti-Ferreira, Vitória e Goulardins (2001, p. 51) o termo adaptação é discutido, devido seu significado:

No dicionário 'Aurélio', adaptação quer dizer ajustamento, acomodação, o que é diferente das mudanças que vemos acontecer na creche. Quem se ajusta ou se acomoda é aquele que se submete a uma situação seja boa ou ruim. A submissão é tudo o que as pessoas que trabalham com educação querem evitar.

Esse conceito para o termo adaptação foi, muitas vezes, atribuído pela educação como um período de tempo, tendo em vista o controle, a imposição de regras, rotinas e ainda a ausência de choro, ou seja, adaptar o indivíduo. “Imaginar que o sucesso de um processo de adaptação se resume à ausência de choro é banalizar uma situação que não termina em si mesma.” (BORGES, 2002, p. 32).

De modo geral, o termo adaptação aparece como ajustamento às condições do meio, acomodação e imposição de regras e normas estabelecidas, ou seja, adaptar-se à instituição.

Em contrapartida, considerando as exigências educacionais contemporâneas e a perspectiva vigente da criança como sujeito de direitos, o processo de inserção, segundo Borges (2002, p. 33):

Temos como objetivo educar para o novo, educar para o convívio em grupo e para socialização, educar para o cuidado e o respeito às necessidades básicas do ser humano como segurança, o sentimento de pertencer e educar para autonomia, não esquecendo que esses objetivos devem ser estendidos também às famílias.

Nesse sentido, o ingresso da criança na instituição de Educação Infantil é entendido como um processo amplo, que precisa ser construído por todos os envolvidos na dinâmica educacional: professoras, aluno e pais. Para tanto, essa pesquisa de algum modo, tem a intenção de contribuir para reflexões sobre a importância do planejamento e da intervenção dos adultos nesse processo, que garantam assim a aprendizagem e a construção de vínculos afetivos. “Se quisermos que a transição seja uma experiência positiva, é importante lidar com ela de modo sensível e com consciência de sua complexidade.” (BROWNE, 2010, p. 97).

Nesta pesquisa optou-se por usar os termos inserção e inserimento por defender que o processo de ingresso da criança nas creches e pré-escolas não se traduz à acomodação e ao ajustamento do indivíduo ao meio ambiente.

Nesse ínterim, cabe ressaltar que o processo de inserção é a construção de novos conhecimentos, criação de novas relações afetivas com o grupo que se encontra na sociedade, envolvimento e participação da família na vida escolar dos filhos, organização e planejamento pedagógico.

Dessa forma, as instituições e profissionais da Educação Infantil devem estar atentos sobre o desenvolvimento da criança e procurarem desenvolver um planejamento de atividades que contemple às necessidades de todas as crianças. “O período de adaptação pode ser cuidadosamente planejado para promover a confiança e o conhecimento mútuo, favorecendo

o estabelecimento de vínculos afetivos entre as crianças, as famílias e os educadores.” (ROSSETTI-FERREIRA; VITORIA; GOULARDINS, 2001, p. 49).

Portanto, cabe à instituição de Educação Infantil, o dever de planejar-se para atender aos novos sujeitos, de acordo com a concepção de infância, as fases do desenvolvimento infantil e a realidade do meio em que estão inseridos.

De acordo com Rapoport (2008), o planejamento para o período de inserção na Educação Infantil, deve envolver uma entrevista prévia com os pais para fornecer informações sobre o desenvolvimento do bebê, suas manias e hábitos, doenças, medicamentos utilizados, entre outros. É um momento de troca de conhecimentos entre escola e família, onde o estabelecimento também informará os pais sobre a rotina e o espaço na instituição.

Contudo, nesses momentos iniciais da inserção das crianças de 0(zero) a 3(três) anos à instituição infantil, todos que nele estiverem envolvidos devem procurar buscar juntos procedimentos metodológicos e práticas que possibilitem a inserção dessa criança nesta nova realidade. “É sempre recomendável que as educadoras das creches organizem um horário reduzido nos primeiros dias de ingresso do bebê. Em geral, inicia-se com um período de duas horas por alguns dias que vai aumentando gradualmente.” (RAPOPORT, 2008, p. 14).

Outrossim, instituição e professoras têm um papel importante no que diz respeito ao planejamento de atividades no período de inserção, desenvolvendo um projeto ou plano de aula específico, que atendam às reais necessidades do grupo. É o que afirma Baladan (1988, p. 84):

Trace um plano para a primeira semana ou semanas, baseado na idade e necessidades das crianças e nas necessidades dos pais. Quanto menores forem as crianças, mais tempo será necessário, talvez, para que se sintam seguras. Um plano executado por toda equipe da escola ou da creche transmite segurança aos pais.

Ademais, a autora segue ainda afirmando quanto à importância de envolvimento das professoras no processo de inserção, já que muitos pais não podem ficar com seus filhos nos primeiros dias na instituição. Dessa forma, cabe ao profissional da educação planejar, falar e manter os pais informados sobre o comportamento da criança todos os dias, nesta fase inicial.

Dessa forma, quando os professores/as oferecem apoio aos pais e se mostram interessados com o desenvolvimento e inserção da criança, os pais também retribuem com informações sobre si próprios e de seus filhos, que contribuirão para eficácia de seu trabalho. “[...] o acesso às informações e a possibilidade de que as crianças e as famílias passem por determinadas vivências podem contribuir para que haja um trabalho mais integrado e harmonioso desde o início.” (VIDAL, 1999, p.19).

Portanto, a inserção é um momento de se relacionar com adultos e crianças, criar laços com novo grupo que se encontra na sociedade, aprender e desenvolver sua autonomia e independência perante a separação dos familiares.

2.3 AÇÃO DOCENTE: CONTRIBUIÇÕES E INQUIETAÇÕES NO PERÍODO DE INSERÇÃO

Com foco na ação docente, cabe destacar a importância de um/a professor/a atuante e observador no período de inserção. A criança que está sendo inserida necessita de uma atenção especial e de um ambiente organizado que lhe permita sentir bem acolhida.

Rapoport (2008) e Baladan (1988) compartilham a ideia sobre a importância da ação pedagógica das educadoras em termos de inserção das crianças à instituição infantil. A qualidade dos cuidados depende das profissionais prestarem atenção em cada um e levarem em conta as reações individuais das crianças.

As suas observações próprias e seguras acerca do comportamento das crianças são a mais frutífera fonte de conhecimento. Fazer breves registros da situação vivida pela criança e pelos pais no primeiro dia, ou durante a sua primeira semana, pode ser uma fonte rica de recursos tanto para ajudar a criança, quanto para trocar ideias com os pais, se houver necessidade. (BALADAN, 1988, p. 56).

As observações e registros diários realizados no período de inserção permitem ao professor refletir sobre a criança que está sendo inserida e avaliar sua prática pedagógica, permitindo modificações no planejamento conforme as necessidades observadas. “[...] a fim de poder examinar e refletir, é necessário que registremos o que vemos e ouvimos, elaborando registros significativos das nossas observações. Podemos fazer anotações rápidas que posteriormente reescreveremos de maneira extensa [...]” (GANDINI e GOLDDHABER, 2002, p. 152).

Essa ação possui ainda um papel fundamental de manter uma interação constante com as famílias, relatando aspectos importantes observados durante o período de inserção.

Como as famílias fazem parte do processo, esse encontro entre família, creche e pré-escola deve ser priorizado pelas professoras, momento de estabelecer uma relação de parceria. Desse modo, eles também poderão fornecer informações importantes sobre a criança que contribuirão para uma prática pedagógica mais eficaz.

Quando oferece aos pais uma ajuda como apoio, na maioria dos casos eles vão retribuir com informações sobre si próprios e sobre seus filhos, que contribuirão para a eficácia do seu trabalho. Aprenderá com eles por meio do apoio e da ajuda que você lhes dá. (BALADAN, 1988, p. 84).

Outro aspecto relevante a se destacar na Educação Infantil, segundo Zanini e Leite (2008) é o momento da roda, período este comum e essencial, pois permite à criança e ao professor se conhecerem. Assim como também permite a construção de vínculos afetivos entre pares, contribuindo com o período de inserção.

Nas rodas, o ouvir o outro ajuda educandos e educador a perceber que as experiências, as vivências, as opiniões e os modos de ser são diferentes para cada pessoa. O outro se torna um espelho composto por muitos outros espelhos a refletir as individualidades que estão em constante formação. A valorização e o respeito à opinião do outro vão sendo então construídos por meio das trocas que se estabelecem entre educandos e educador. Nas trocas de olhares, percepções, gestos, falas, curiosidades, medos, inseguranças, risadas... é que cada um vai significando sua identidade, percebendo-se integrante e integrador do grupo. São, também, esses momentos que possibilitam o reconhecimento da existência do eu e do outro. (ZANINI e LEITE, 2008, p.76).

As autoras trazem em questão a importância da hora da roda como um momento para as crianças e professores se expressarem e se conhecerem. Esse contato possibilita também as professoras se aproximarem das crianças e assim estabelecerem vínculos afetivos que, portanto, contribuirão com a inserção. Mas com as crianças bem pequenas será que a roda é o momento mais importante para se aproximar e criar vínculos afetivos? Temos outros momentos mais importantes para criar vínculos com os pequenos e assim contribuir na inserção?

A criação de vínculos entre professora e crianças ainda muito pequenas inicia-se já na entrevista com os pais, no qual a mesma procura conhecer a criança e assim respeitá-la em suas singularidades. Esse conhecimento e entendimento contribuem para uma aproximação entre ambos. Ainda cabe destacar que essa relação entre professora e criança ocorre, por meio da interação constante nas brincadeiras, cuidados pessoais, gestos, toques, contato físico e respeito aos seus limites e suas singularidades. Essa interação torna a professora uma base segura para a criança estabelecer vínculos afetivos durante o período de inserimento.

Os bebês gostam de mais contato físico através de brincadeiras corporais, como fazer caretas, brincar de achar e esconder, barulhos com a boca, jogar beijo, tocar em objetos, colo, massagem nos pés, trocas onde podemos conversar e cantar. A mãe pode nos dar dicas de quais as brincadeiras prediletas de seu bebê! Precisamos também conhecer as formas de comunicação da criança que ainda não fala, ler seus significantes, traduzi-los em linguagem para poder fazer as ações correspondentes. Um choro pode ser desejo de comida, de colo, de frio, de medo, etc. [...] Vamos, conforme a criança for aceitando, fazendo os cuidados: alimentar, trocar, agasalhar, limpar, proteger de perigos do ambiente e dos amigos que possam lhe machucar. Assim mostraremos a ela que pode estar tranquila sem a mãe, pois terá suas necessidades e desejos resguardados e reconhecidos. (DAVINI, 1999, p. 55).

Conforme a autora, a professora é responsável por ter uma postura favorável à construção de vínculos, e essa segurança no adulto se dá a partir do conhecimento e entendimento da criança, afinal o essencial é garantir o vínculo professora- criança. E, por meio desse enfoque, cabe a reflexão: atualmente as crianças pequenas estão sendo ouvidas? Suas necessidades estão sendo reconhecidas e respeitadas?

Está presente nas afirmações das autoras, o papel fundamental das professoras no processo de inserção. Diante desses questionamentos percebemos que trabalhar com criança é complexo, principalmente no período de inserção, que exige competência profissional, dedicação e conhecimentos do desenvolvimento. Rapoport (2008, p. 20) ao abordar sobre as dificuldades enfrentadas pelas professoras no período de inserção:

Além disso, é preciso paciência para as situações corriqueiras que ocorrem com bebês e crianças pequenas, como o choro, a birra e outras reações, estabelecendo limites e demonstrando atenção e carinho. E tais exigências em relação às educadoras são ainda maiores durante o período de adaptação, quando os bebês estão mais sensíveis e vulneráveis.

Além disso, Baladan (1988) assinala que as professoras podem também estar sentindo diferentes sentimentos: existem as tremendamente confiantes quando a escola começa, ficando excitadas com a perspectiva de encontrarem um novo grupo de crianças ou podem ficar nervosas nos primeiros dias. Alguns podem experimentar a sensação de raiva com relação a alguns pais por parecerem impulsivos ou com outros, que parecem despreocupados. Também, ainda a situação de se ter pais em sala, por algum tempo, desencadeando situações desagradáveis, e também o possível desejo de vê-los fora dali, o mais breve possível.

Por essas razões, na qual pais, professoras e crianças participam da mesma maneira do processo de separação, é necessário que, cada qual, com suas necessidades sejam atendidos com a devida cautela e compreensão. Diante dessa questão, cabe ressaltar a importância de um trabalho coletivo que envolva a participação da família antes e durante todo o processo de separação, com objetivo de receber as crianças e respeitá-las em suas singularidades e ainda

acolher as famílias se apresentando como um ambiente seguro.

[...] precisa ficar claro quais serão os canais de participação, pois os limites que com certeza terão que ser pontuados no decorrer do relacionamento, partirão de uma base segura, aberta e de alguma forma contratada entre ambos, o que diminuirá a emergência de ruídos e ajudará a constituição de um espaço mais democrático dentro da escola. (DAVINI, 1999, p. 46).

Assim sendo, a parceria entre pais, professoras e crianças é importante para a construção de vínculos, proporcionando assim segurança e acolhimento, contribuindo com a construção de uma nova história.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho de pesquisa tem a intenção de discutir sobre o processo de inserção no entendimento de profissionais da Educação Infantil de crianças na faixa etária de 1 a 2 anos, matriculadas em uma instituição de Educação Infantil da rede pública municipal de Maracajá/SC.

Esta pesquisa foi desenvolvida dentro de uma perspectiva qualitativa para melhor análise do problema, pois de acordo com Oliveira (1997, p.324) neste tipo de pesquisa buscamos “desvendar a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais [...]”

Dessa forma, para analisar como é entendida a inserção na Educação Infantil pelas professoras de crianças na faixa etária de 1 a 2 anos, matriculadas em uma instituição educativa de rede pública no município de Maracajá/SC, faz-se necessário uma pesquisa de campo, exploratório-descritiva.

Pesquisa descritiva objetiva a descrição das características de certa população ou fenômeno ou estabelecer relações entre variáveis. Como forma de levantamento, exige o emprego de técnicas padronizadas de coletas de dados, tais como questionários e observação sistemática. (SIENA, 2007, p. 65).

De acordo com Gil, (1991) “geralmente na pesquisa exploratória, a pesquisadora trabalha com levantamentos bibliográficos, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado, e análise de exemplos que estimulem a compreensão” (p.45)

Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa inicialmente foi bibliográfica, com fonte de embasamento teórico, ou seja, desenvolvida a partir de materiais já publicados na área da Educação Infantil, em geral livros e materiais disponibilizados também pelos próprios professores do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil.

Partindo do levantamento bibliográfico procurou-se desenvolver a pesquisa de campo com a finalidade de analisar e interpretar os dados coletados sobre a natureza do tema, objetivando compreender e explicar o problema pesquisado. Seguindo essa premissa, a referida pesquisa foi realizada no Centro de Educação Infantil no município de Maracajá/ SC que atende crianças de 4 meses a 5 anos de idade. Contudo, a realização da presente pesquisa justifica-se pelo fato dessa pesquisadora fazer parte do quadro de profissionais de Educação

Infantil e observar os estranhamentos, as dificuldades e as especificidades tanto para professoras quanto crianças no período de inserção.

A escolha da instituição já havia sido definida no ano de 2013, entrei em contato com a diretora via telefone, expliquei que estava fazendo um Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil- UFSC e que gostaria de fazer minha pesquisa a campo nessa instituição. Como já havia sido professora da instituição nos anos anteriores, a diretora falou que as portas estavam abertas sempre para a pesquisa.

Cabe destacar que no início do ano letivo passei no processo seletivo e ocupei uma vaga de professora 40 h nesse C.E.I, o que facilitou minha participação e acesso na instituição.

O C.E.I iniciou suas atividades dia 09 de janeiro de 2014, com o curso de formação continuada promovido pela Secretaria de Educação. O foco de discussão desse primeiro encontro de formação continuada era a respeito da “inserção e acolhimento”. Essa discussão foi ministrada pelo psicólogo da educação e contou com a participação ativa da Secretaria de Educação do município. A partir do estudo sobre a importância da inserção foi desenvolvido em grande grupo um projeto macro e definido metodologias para receberem as crianças na primeira semana.



Foto 1- Formação e Orientação no início do ano letivo: Inserção na Educação Infantil (Psicólogo da Educação).

A primeira semana que aconteceu, do dia 13 a 17 de janeiro de 2014, foi realizado o período de inserção no qual, durante esse período, as crianças frequentaram a instituição das 8h às 12 h. O funcionamento do C.E.I foi apenas no período matutino e no período vespertino os profissionais se reuniram para discutirem as experiências do período matutino, elencarem

os pontos positivos e negativos, discutirem sobre os registros diários e propor ideias para o dia seguinte.

Durante essa semana, as crianças foram recebidas todas juntas em um espaço externo no C.E.I, no qual foram organizados espaços que buscassem atender as especificidades e necessidades das crianças, tais como oficinas de desenhos, pintura, argila, parque e ambiente da leitura, e ainda que possibilitassem às crianças explorarem e conhecerem os espaços da instituição.



Foto 2: Primeira semana inserção e acolhimento: Espaços organizados para receber as crianças no C.E.I.

No final da semana, o CEI organizou uma reunião com os pais, com objetivos de estreitar as relações com a família e assim esclarecer sobre a importância do período de inserção. A reunião foi ministrada pelo psicólogo da rede que acompanhou os pequenos durante essa primeira semana.



Foto 3- Reunião com os pais para tratar sobre a importância do período de inserção.

No decorrer da semana fiquei atenta aos registros e falas dos professores a respeito do período de inserção, no entanto, a escolha da turma se deu a partir da indicação dos professores, que na observação, perceberam as crianças que apresentavam dificuldades de inserção. Dessa forma, a turma que observei foi a do G1 (1 a 2 anos). Iniciei a observação dia 21 de Janeiro de 2014 e a concluí no dia 31 de janeiro de 2014. Durante esse período, chegava à instituição às 7 h e permanecia na sala até às 8 h, horário esse em que as crianças estavam chegando. Sabe-se da importância da permanência em continuar na sala ao longo do período, entretanto como era professora da instituição, às 8 h começava meu expediente e assim precisava iniciar minhas atividades letivas.

A escolha das crianças também foi sugestão das professoras. Elas sugeriram as crianças que apresentavam desconforto nesse período. Primeiramente foram observadas duas crianças, durante 4 dias, com uma carga horária de 1 h diária. A professora avisou que iriam receber mais duas crianças, fiquei durante uns dias aguardando a presença delas, entretanto os pequenos só vieram no primeiro dia, no dia seguinte fui à sala realizar a observação e a família de uma das crianças ligou desistindo da vaga e a outra desistiu sem justificativa.

No decorrer da observação na turma do G1 já conversei com a auxiliar e com a professora a respeito da colaboração das mesmas para responderem um questionário sobre a inserção. As duas se disponibilizaram a cooperar com pesquisa. Entrei em contato por telefone, na sexta-feira à noite do dia 21 de março de 2014, com a auxiliar de ensino e marcamos a entrevista para sábado do dia 22 de março de 2014. A entrevista durou cerca de 1 h.

Cabe destacar que houve a mudança de professora regente depois de 40 dias, o que acaba influenciando na inserção das crianças. Por motivos particulares a professora desistiu da

vaga, dessa forma entrei em contato com a mesma pela rede social, no dia 23 de março de 2014 domingo, para marcarmos a entrevista. Nesse mesmo dia, a professora estava disponível e sugeriu que poderia ser naquele momento, aproveitei a oportunidade e fui até sua casa para fazer a entrevista. A entrevista e o questionário duraram cerca de 42 minutos.

Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram 2 professoras que trabalhavam com crianças 1 a 2 anos. Os sujeitos observados foram dois meninos em período de inserção, já que as outras duas crianças, sendo elas uma menina e um menino só frequentaram a instituição um único dia e logo desistiram da vaga. Quanto ao grau de instrução foi constatado que a professora regente tem graduação em licenciatura e pós-graduação completa e a auxiliar de ensino tem formação em magistério e está cursando Pedagogia. Cabe ainda ressaltar que a idade das pesquisadas varia entre 33 e 34 anos e no quesito jornada de trabalho, observamos que a carga horária de trabalho é de 40 horas semanais. Para manter o sigilo das entrevistadas, as professoras pesquisadas serão referendadas com nomes fictícios, conforme aparecem a seguir (Laura e Camila). O nome das crianças também será preservado, sendo essas referendadas com nomes fictícios (Pedro e Paulo).

Cabe ainda ressaltar que os dados da pesquisa com as professoras foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, contendo pergunta abertas e fechadas.

Os dados coletados foram analisados a partir do referencial teórico construído de acordo com o levantamento bibliográfico com o intuito de buscar respostas às questões que deram origem a mesma, sempre embasados nos objetivos. A análise do material de campo, bem como as entrevistas foram organizadas a partir da categorização a *posteriori*, ou seja, a sistematização foi organizada a partir dos objetivos, onde cruzaram-se fragmentos das entrevistadas com registros de diários de campo.

6- APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo abordará a análise das entrevistas com as professoras do Centro de Educação Infantil de Maracajá e o registro do diário de campo, tendo como objetivo analisar como é entendido pelas professoras o processo de inserção da criança de 1 a 2 anos na educação infantil.

No processo de sistematização dos dados da pesquisa optamos por organizar os registros e narrativas das professoras em três categorias, sendo a primeira vinculada ao papel da professora na relação com a criança, logo o papel da professora com o planejamento, complementando com a relação CEI e família.

A divisão em categorias foi realizada buscando uma melhor organização e classificação das informações com o objetivo de que ao selecionar estes dados possamos separá-los a fim de serem mais facilmente interpretados.

6.1 PAPEL DA PROFESSORA NA RELAÇÃO COM A CRIANÇA

Iniciamos apresentando as questões relacionadas ao papel da professora na relação com as crianças no período de inserção. Esta categoria aborda questões referentes à dimensão técnica (relações de afetivo/vínculo, observação/interação) e o reconhecimento das singularidades.

Ao que se refere ao papel da professora, uma primeira categoria que iremos apresentar diz respeito à relação pedagógica estabelecida pela **dimensão afetiva** essa dimensão diz respeito a um modo de se comunicar e relacionar com as crianças. Com relação ao papel da professora no processo de inserção, as entrevistadas destacaram a importância da afetividade, de uma professora que estabeleça relação de segurança, que acolha as crianças com carinho e respeito, pois segundo as informantes essa relação de vínculo afetivo contribui para o êxito desse período. Elegemos a fala da professora Laura que afirmou: *O papel da professora para mim é receber a criança com o maior carinho, amor e dedicação.* Também destacamos um fragmento do diário de campo:

A professora recebeu a criança na sala de referência, um espaço organizado com poucos brinquedos em um tapete. A criança foi recebida na porta da sala pela professora com palavras cordiais: (Laura) “Bom dia *Pedro*, tudo bem?”, a criança chegou chorando acompanhada da mãe e no colo. A mãe entrou na sala sentou com o filho no tapete e ficou brincando com alguns objetos que estavam à disposição até que a criança se acalmasse, entretanto devido suas responsabilidades com emprego, a mãe logo entrega a criança para professora e sai sem despedir-se do filho. A professora com uma postura muito tranquila pega a criança no colo, abraça e faz carinho transmitindo segurança. Se aproxima das demais crianças, ainda com o *Pedro* em seu colo e o agrada, oferece brinquedos até que a criança se acalme. (Diário de campo, 21/ 01/ 2014)

O fragmento do diário de campo vem a confirmar a fala das professoras, no sentido que é necessário em determinadas situações o acolhimento que se traduz na relação de afeto entre professora e crianças. Ou seja, de fato em sua prática pedagógica as mesmas valorizam a importância do afeto como algo que transmite segurança e que contribui para construção de vínculos afetivos entre criança e professora.

Desse modo, podemos pensar que a narrativa das profissionais da educação que trabalham com as crianças pequenas, especificamente no que diz respeito ao período de inserção, está calcada na compreensão de que o afeto deve ser considerado como um atributo que facilita a relação de confiança e vínculo a ser estabelecido. Essa lógica pode ser pensada a partir das discussões de Davini (1999, p. 56), ao afirmar que “Trabalhar com crianças pequenas, contrariamente ao que é dito no senso comum, demanda adultos experientes, sensíveis, inteligentes e amorosos”.

Assim, é conveniente afirmarmos que a professora contribui para o percurso desse processo. A partir das afirmações, ficou evidente a importância da dimensão afetiva no período de inserimento, ou seja, de uma professora que priorize a proximidade e o vínculo afetivo com as crianças, valorizando sua presença na instituição.

Contudo, aqui é importante refletir acerca desses aspectos afetivos, pois essa dimensão diz respeito a um modo de se comunicar, ou seja, as relações estabelecidas entre professora e crianças são características humanas. Acharmos importante perceber que esse modo de comunicar-se e relacionar-se fazem parte da relação pedagógica, pois corporalmente as crianças na idade entre 1 e 2 anos se comunicam, e nesse sentido não podemos considerar algumas características definidas nas narrativas das professoras, como carinhosa, amorosa, dadas a *priori*, pois estaríamos correndo o risco de essencializar ou mesmo definir certos adjetivos com definidores do perfil profissional de todo (a) professor(a).

Ainda com relação ao papel da professora no processo de inserimento, podemos destacar outra categoria de análise presente na narrativa das informantes: **observação e**

interação, relacionados à compreensão de atributos específicos que fazem parte da formação da professora.

Observar e registrar como cada criança está interagindo com as outras crianças, com adultos profissionais, e com o espaço e rotina durante o período de inserção, torna-se informações importantes para planejar as proposições pedagógicas. Outro aspecto pertinente está relacionado ao modo de como cada professora interage com a família, fornecendo informações/elementos no diálogo com os pais. Evidenciam-se os questionamentos durante esse período: A criança que não chorou ou não apresentou dificuldades de ficar na instituição está inserida a esse novo ambiente? A criança que apresenta (choro/ desconforto) é a única que necessita de um olhar atento da professora?

Outrossim, as professoras se referiram à importância da interação e observação afirmando, o seguinte: *O papel, da professora para mim é ser a observadora, ela é a mediadora deste período (Laura)*. A professora (Camila) disse: *deve-se dar atenção individual para as crianças e realizar observações*.

Contudo, durante esse período, observamos que as relações entre as crianças e as professoras ocorriam de maneira individual ou coletiva. Priorizando a interação, a professora fazia as atividades sempre conversando com as crianças, questionando suas brincadeiras, os objetos que estavam brincando, os colegas com quem interagem, e ainda nos momentos de cuidado individual mantinham um contato físico com as crianças, utilizavam-se de gestos e toques, mantendo sempre o diálogo em conjunto.

Para tal questão, cita-se ainda o registro do diário de campo.

A professora foi até o solário conversando e acalentando a criança, depois sentou no tapete e começou a brincar com os objetos que estavam à disposição das crianças. Foi entretendo a criança até que ficasse brincando com os demais colegas.

De acordo com as entrevistas e com o registro no diário de campo, percebe-se que as informantes reconhecem a importância do contato/interação constante com a criança, buscando conhecer a individualidade e as singularidades da mesma por meio de sua observação. Portanto, fica conveniente afirmar, dentro de todo esse processo interativo, que o olhar atento e a formação profissional permitem a professora planejar as atividades pedagógicas de acordo com as reais necessidades do grupo, afinal é ela que vai planejar, organizar e acolher com uma atenção individualizada. Rapoport (2008, p. 19) ao abordar sobre a postura das professoras destaca que:

A ação pedagógica das educadoras pode ser considerada um dos fatores mais relevantes em termos de adaptação dos bebês à creche. A qualidade dos cuidados depende em grande parte da habilidade das profissionais prestarem atenção em cada um e levarem em conta as reações individuais dos bebês.

Contudo, as respostas e as observações realizadas em sala nos permitiram analisar que as professoras valorizam a observação e o registro diário, valendo explicitar que as mesmas fazem uso de um caderno de registros e ali minutam as observações desde o período de inserção, suas interações sociais, as necessidades e mudanças de cada criança, recurso esse que as possibilitam refletir sobre o planejamento, avaliar o desenvolvimento da criança e fornecer informações aos pais com mais propriedade, principalmente no período de inserção que é um causador de angústias e questionamentos.

Através da observação e da escuta atenta e cuidadosa às crianças, podemos encontrar uma forma de realmente e enxergá-las e conhecê-las. As fazê-las, tornando-nos capazes de respeitá-las pelo que elas são e pelo que elas querem dizer. Sabemos que, para um observador atento, as crianças dizem muito, antes mesmo de desenvolverem a fala. (GANDINI e GOLDDHABER, 2002, p. 152).

O registro deve fazer parte da prática diária na educação infantil, afinal ficou claro que uma observação atenta, permite registros mais significativos, principalmente no período de inserção.

É inegável que a interação e a observação são especificidades do trabalho pedagógico. Portanto, é pela interação com a professora, com outras crianças e com adultos que a criança construirá um novo vínculo, transformando-a em uma figura de apego e de segurança.

Contudo, cabe ressaltar que adultos atentos e observadores às particularidades das crianças têm condições de avaliar e construir novas práticas de acordo com sua realidade. Ainda podemos destacar que a interação também é dimensão afetiva, afinal a mesma diz respeito ao modo de se comunicar e de se relacionar criança e professora.

Seguindo essa linha de questionamentos, apresentamos ainda a categoria **reconhecimento das singularidades**. A observação constante permite à professora o reconhecimento dos aspectos que compõe as singularidades das crianças como geração, etnia, gênero e faixa etária. Esse conhecimento permite à profissional inserir as preferências e hábitos das crianças no planejamento, o que vem a facilitar o inserimento da mesma na instituição.

Assim afirma a professora Camila: *Levar em conta as necessidades e especificidades do grupo de crianças, as informações coletadas e as preferências*. Ainda a outra professora relatou: *Busco algo que eles se interessem, porque, afinal, já estão sem o pai e a mãe e ainda*

não têm nada que eles gostem. Alguns fragmentos do diário de campo vêm a confirmar as falas das professoras, no sentido em que elas reconhecem as singularidades das crianças em seu planejamento.

A professora colocou o DVD da galinha pintadinha, por perceber que é algo que desperta o interesse da criança. Em diálogo com a criança a professora disse: “Paulo olha a galinha pintadinha, você adora”. Em outra situação ela identificou que a criança adorava bois, então a professora fala: “Pedro vamos ver o boi? Ele adora ver os bois que ficam próximos à instituição. E assim se desloca para o solário e fica mostrando o boi. A criança para de chorar, fica um tempo observando o boi e apontando para o animal. (Diário de campo, 21/01/2014).

De acordo com as entrevistas e com o diário de campo, percebe-se claramente a preocupação em organizar as atividades contemplando as preferências das crianças, afinal conforme vivenciado na observação, as preferências das crianças auxiliam as mesmas a se familiarizarem ao ambiente. Na inserção é importante encontrar possibilidades de pertencimento, mas ao longo do trabalho é preciso problematizar o que as crianças trazem para ampliar seus repertórios.

De acordo com as respostas das informantes, o diário de campo e o estudo dos autores que referendaram nossa pesquisa, a professora tem um papel fundamental de observar as crianças e assim reconhecer suas especificidades e singularidades. Portanto, é a partir das informações que organizam seu planejamento contemplando as necessidades e individualidades de cada sujeito, procurando assim encontrar a melhor maneira de receber e atender esses novos indivíduos.

Em suma, tendo como base a relação de carinho entre professora e criança fica evidente a importância da afetividade como um atributo que facilita a relação de confiança e a criação de vínculo. Esse papel vincula-se a uma pessoa mediadora e atuante, que observe com muita atenção cada criança e a partir desse, organize e planeje os momentos respeitando as singularidades de cada sujeito. E ainda, quais são as outras dimensões/características que traduzem esse período de inserção do ponto de vista da mediação do vínculo entre as próprias crianças? Além disso, as profissionais da educação nesse período vivenciam outras relações de vínculo e parceria com as famílias? E como traduzir esses aspectos? Estão relacionados às quais competências técnicas?

Em linhas gerais, o ideal é uma prática pedagógica que reconheça os aspectos singulares das crianças. Esse reconhecimento pode ser garantido por meio de uma visita à instituição com os pais antes de iniciar, para conhecer o espaço, o grupo, a professora, e assim também permitir que a professora conheça a criança. Acolher os familiares, trocar

informações, com objetivo de conhecer a criança, seus hábitos, manias, particularidades ou ainda realizar uma entrevista prévia com os pais. Essas informações devem ser levadas em consideração no planejamento pedagógico.

Em contrapartida, no cotidiano, as professoras se deparam com muitos obstáculos. As instituições não disponibilizam um tempo para essa integração com as famílias, não tem um espaço para acolher as famílias, ou seja, a rotina do C.E.I não possibilita essa interação, e ainda quando é proporcionado esse tempo muitas famílias não participam. Assim, as professoras se deparam com uma situação delicada, na qual tem que se esforçar e adotar outros recursos que possam garantir a interação com as famílias, por meio de agendas, convites motivadores ou entrevistas.

6.2 PAPEL DA PROFESSORA NO PLANEJAMENTO

Ao que se refere o papel da professora com o planejamento para o período de inserção, uma primeira categoria que iremos apresentar diz respeito à **entrevista como recurso metodológico que orienta o planejamento**.

Considerando que os pais e/ou cuidadores responsáveis são as pessoas que mais conhecem a criança, a instituição pode proporcionar uma entrevista antes e durante o período de inserção. Esse é o momento da professora questionar os pais e apreenderem algo sobre a criança. Portanto, é nessa entrevista que a professora demonstra o interesse pela família e, principalmente, pela criança. Essas informações podem ser extraídas no primeiro encontro, por meio de perguntas, tais como: Qual o motivo de procurar um Centro de Educação Infantil? Qual a rotina do seu filho (a) em casa? Qual a alimentação de seu filho (a)? Seu filho (a) tem algo objeto/brinquedo que lhe de segurança?

As informantes explicitaram a importância da entrevista antes da entrada da criança na instituição e aqui para demonstrar tal argumento, destacamos a narrativa da professora Laura:

A escola deveria proporcionar antes de a criança começar a frequentar a instituição, uma entrevista com os pais. Assim, saberíamos onde trabalham, as manias, hábitos, como dormem e assim organizaríamos melhor nosso planejamento. Um dia seria exclusivamente para as entrevistas com os pais, assim já conheceriam os professores e o espaço.

Outro aspecto relevante a se destacar na fala da professora acima é a importância desse momento para os pais conhecerem as professoras do filho(a) e ainda explorar os espaços da instituição e assim se familiarizarem.

Referente à importância da entrevista como recurso que qualifica o planejamento no período de inserção Rapoport (2008, p. 13) coloca que:

As entrevistas feitas pelas instituições antes do ingresso dos bebês também são consideradas bons momentos de fornecer informações aos pais sobre como ocorrerá o processo de adaptação, sobre as reações possíveis por parte deles e das crianças e sobre como a creche espera contar com a ajuda dos familiares. Para os pais, é um excelente momento de esclarecimentos de dúvidas. É também recomendável que os pais tragam o bebê para visitar a creche antes do período de adaptação, a fim de mostrar para a criança o novo ambiente começar o seu processo de familiarização com as educadoras.

Portanto, temos observado que as professoras valorizam a importância da entrevista como um recurso que qualifica seu planejamento, entretanto ficou evidente na citação a ausência de um momento de interação e troca de informações com a família.

Essa realidade se confirma na fala de Rapoport (2008, p.13):

É importante, também, que as educadoras participem das entrevistas e tenham acesso aos arquivos de dados sobre os bebês. As entrevistas, entretanto, costumam ser realizadas pela dona da creche, pedagoga ou psicóloga, e as informações não são repassadas as educadoras. Esse procedimento não é adequado afinal quem vai interagir diretamente com o bebe e com a família rotineiramente são as educadoras.

Esta é uma perda significativa para a criança, pois quando a professora a conhece antes de sua entrada na instituição, suas preferências, hábitos e necessidades, seu planejamento é organizado a partir desses conhecimentos prévios, respeitando o sujeito em suas singularidades e necessidades, afinal é a professora que vai interagir com a criança e a família diretamente e assim precisa conhecer quem está acolhendo e inserindo nesse novo espaço.

Ao abordamos o planejamento da professora no inserimento ficou evidente na narrativa das informantes a **organização de um espaço acolhedor**, como um aspecto considerado importante a ser considerado nesse processo. Contudo, ficou evidente, nesse sentido, que o espaço também acolhe a criança quando é organizado e preparado com intencionalidade, um espaço agradável e aconchegante para criança e familiares.

Nesse contexto, quando indagadas sobre a organização do espaço no inserimento, as professoras foram unânimes ao afirmar que o espaço contribui de forma positiva na fase de inserção, cita-se a seguinte resposta:

A organização do espaço é de extrema importância para inserção das crianças, pois é um ambiente acolhedor que faz toda a diferença para atender as mesmas. Um espaço organizado permite as crianças saberem onde estão os objetos e ainda criar um vínculo com o espaço. (Laura)

A citação acima ressalta aspectos importantes da organização do espaço para o inserimento como: a importância de um ambiente acolhedor e organizado que possibilite à criança a familiarização (criação de vínculos) com espaço.



A observação de campo confirma a fala das professoras e permite analisarmos que a instituição preocupa-se com a organização do espaço para acolhimento das crianças como um dos recursos que qualifica o planejamento. Antes de iniciar o ano letivo, a equipe do C.E.I se reuniu para planejar a entrada das crianças, organizaram espaços pensando no acolhimento que voltava-se a um ambiente agradável e atrativo, que despertasse o interesse e que buscassem atender as especificidades e necessidades das crianças, tais como oficinas de desenhos, pintura, argila, parque e cantinho da leitura, e ainda que possibilitasse as crianças explorarem e conhecerem os espaços da instituição. (Diário de campo- 10/ 01/ 2014).

Contribuindo nessa reflexão, Brasil (1998, p. 74), ao abordar sobre a organização dos espaços para receber as crianças nos primeiros dias, destaca:

O professor pode planejar a melhor forma de organizar o ambiente nestes primeiros dias, levando em consideração os gostos e preferências das crianças, repensando a rotina em função de sua chegada e oferecendo-lhes atividades atrativas. Ambientes organizados com material de pintura, desenho e modelagem, brinquedos de casinha, baldes, pás, areia e água etc., são boas estratégias.

De acordo com as respostas das pesquisadas, o diário de campo e o estudo dos autores que referendam nossa pesquisa, o espaço deve ser organizado intencionalmente pensando nas crianças que nele vão interagir, de modo a contemplar atividades diversificadas e flexíveis que atendam às necessidades e interesses das crianças, enfim um ambiente organizado e acolhedor, que transmita segurança aos familiares e à criança.

Ainda, em relação ao planejamento no período de inserimento, destacamos o entendimento das profissionais. Ao planejar deve-se levar em consideração que a **inserção é processo gradativo**. Considerando que a criança é um sujeito único que tem o direito de ser respeitado em suas singularidades, o tempo para se integrar à rotina, ao espaço e se familiarizar com o grupo é próprio de criança para criança. As perguntas frequentes que nos fazemos são: O tempo para a criança se inserir está sendo respeitado? Os sentimentos das crianças no momento da separação estão sendo respeitados?

Com relação ao tempo de inserção, as professoras se expressaram da seguinte maneira: *A inserção tem que ser um processo gradativo. Temos um período em que a criança fica menos tempo- conforme ela vai se inserindo no contexto, vamos aumentando o tempo.* (Laura). Camila se referiu da seguinte forma: *A criança frequenta uma semana por meio período, porém para maioria não é o suficiente.*

Percebe-se no relato das professoras a compreensão de que cada inserção é diferente, uma vez que cada criança tem seu tempo para se integrar. Dessa forma o tempo de permanência na instituição deve ser organizado conforme a avaliação individual de cada criança.

Na observação de campo, registrou-se que a instituição se preocupa em respeitar os sentimentos da criança e reconhece que cada uma delas tem um tempo para se inserir. Portanto, pensando dessa forma, a partir de reuniões com as professoras e discussões em cursos de formação continuada o C.E.I adotou pela primeira vez, no ano de 2014, a seguinte estratégia: atender as crianças na primeira semana em período parcial (horários reduzidos nos primeiros dias) e conforme a familiarização, aumentar o tempo de permanência. A criança que, durante o processo, apresentasse muito desconforto, os pais seriam comunicados para vir buscá-las mais cedo e orientados para o dia seguinte quanto ao tempo de permanência. Essa orientação seguiria até que a criança apresentasse condições de frequentar à instituição em período integral.

Essa decisão foi discutida com as famílias em uma reunião no início do ano, num primeiro momento alguns pais apresentaram resistência à estratégia adotada pela instituição,

mas logo depois da discussão em grande grupo concordaram com a importância desse período reduzido nos primeiros dias até que a criança se familiarize com ambiente.

Seguindo essas afirmações e concordando com Rapoport (2008, p.14) “É sempre recomendável que as educadoras das creches organizem um horário nos primeiros dias de ingresso do bebê. Em geral, inicia-se com um período de duas horas por alguns dias e vai aumentando gradualmente.”

Diante das observações e dos autores ficou evidente a preocupação das professoras em relação ao tempo de permanência da criança na instituição nos primeiros dias. Em linhas gerais, o tempo de inserimento é singular, dessa forma há necessidade de um tempo reduzido nos primeiros dias e conforme a observação constante da professora esse tempo de permanência vai aumentando gradativamente.

Reconhecendo que o tempo de inserção é singular, destacamos ainda a categoria **Especificidades /singularidades das crianças** no que diz respeito ao planejamento da professora no período de inserção.

É inegável a importância de um planejamento específico para o período de inserção das crianças. A organização desse projeto exige da professora reconhecer as características do grupo e de cada criança, para isso a professora precisa conhecer quem está recebendo. Essas informações fornecidas antes da entrada da criança na instituição qualificam o planejamento e contribuem na garantia do direito da criança ao bem estar.

Sobre a importância de reconhecer as especificidades e singularidades das crianças no planejamento, as entrevistadas se referiram da seguinte maneira:

O planejamento é realizado por meio de projeto específico da inserção, que leve em conta as necessidades e especificidades do grupo de crianças, as informações fornecidas pelos pais, às observações realizadas e as preferências, levando em conta sempre que vem para um ambiente novo, com pessoas novas. (Camila)

A citação da professora acima mostra que ela se preocupa em fazer um planejamento específico para o período de inserção que valorize a importância do planejamento reconhecer as singularidades das crianças.

Durante a observação, procurou-se analisar se a instituição tinha um projeto específico para inserção dos pequenos. Verificamos que no início do ano foi desenvolvido um projeto macro denominado “Inserção e acolhimento” envolvendo coordenação e professoras da instituição. O projeto inclui ações para o acolhimento das crianças, proporcionar um tempo diferenciado para inserção (aumento do tempo gradualmente), participação dos pais na instituição, organização dos espaços com atividades atrativas. Contudo, durante o processo de

uma semana, com base no projeto macro, as professoras tinham a responsabilidade de observarem atentamente e conhecerem as crianças que estavam sendo acolhidas. As observações eram registradas e refletidas para, a partir dessas informações e conhecimentos planejarem um projeto específico para cada turma, entretanto agora contemplando no projeto as especificidades e necessidades dos pequenos.

Contribuindo nessa reflexão Baladan (1988, p.103), destaca:

Se a escola tem um plano para a separação, está reconhecendo a importância da ligação entre pais e filhos. Existem vários níveis deste reconhecimento. Eles se estendem desde a determinação de que os pais só vão ficar na escola no primeiro dia, até o planejamento individual feito para atender as necessidades diferentes de cada par pai-filho.

Contudo, no decorrer das observações e na entrevista com as professoras, percebeu-se que a instituição se preocupa em organizar um projeto, plano específico para a inserção da criança para trabalhar essa separação criança e família, valorizando e respeitando nesse planejamento as singularidades e especificidades de cada criança.

Ao pensar no planejamento para o período de inserção a professora deve levar em conta as particularidades e especificidades da criança, reconhecendo-a com um sujeito singular e também **levar em consideração a faixa etária**.

Quando questionadas as professoras a respeito do planejamento, elas ressaltaram a importância de levar em conta a idade do grupo, destacamos a resposta: *Temos que levar em conta a idade de cada grupo, pois cada criança tem que ter um planejamento adequado* (Laura).

Baladan (1988) afirma a importância de um planejamento para as primeiras semanas, de acordo com a idade e as necessidades das crianças e dos pais. Em geral, quanto menores forem às crianças, mais tempo será necessário para que se sintam seguras nesse novo ambiente. Um plano executado por toda equipe da instituição ou da creche transmite segurança aos pais. Porém cabe a questão: a faixa etária do grupo é reconhecida no momento de planejar um projeto de inserção?

Destarte, nessa categoria relacionada aos aspectos etários, as professoras reconhecem a necessidade de levarem em consideração as especificidades relacionadas ao conhecimento/reconhecimento do desenvolvimento infantil. Nesse sentido, as contribuições da psicologia do desenvolvimento, especificamente dos estudos vygotskyanos apontam a necessidade de observar as especificidades do percurso formativo de cada criança, especificamente da periodização do desenvolvimento.

Por certo que a inserção ocorre em todas as idades, visando portanto esse período, destaca-se a importância das professoras de Educação Infantil conhecerem e compreenderem as particularidades de cada período do desenvolvimento infantil e suas atividades principais, e ainda de observar atentamente as etapas do desenvolvimento psíquico e assim estabelecer estratégias específicas que atendam às necessidades da criança nessa fase e que, por seqüência, auxiliarão em uma inserção mais tranquila e segura.

A fala das pesquisadas confirmam a importância do plano de inserção estar de acordo com a idade das crianças. Quando o projeto realizado não está de acordo com as necessidades e especificidades das crianças, não é suficiente para inserir e acolher nesse novo espaço.

Ficou evidente a importância de um planejamento específico para a inserção que envolva a família antes mesmo da entrada na instituição para uma troca de informações. Também, é importante que se preocupe com a organização de espaços adequados para o acolhimento da criança e da família. Outrossim, é necessário que se respeite o tempo de cada criança para se integrar e ainda que reconheça as singularidades e especificidades de cada indivíduo.

6.3 RELAÇÃO C.E.I E FAMÍLIA

Nessa categoria analisamos as questões referentes à importância de firmar um diálogo com a família, a necessidade de organizar o seu acolhimento e a contribuição familiar nesse período de inserção.

Na questão referente à relação C.E.I e família, uma primeira categoria que iremos apresentar é a **necessidade de diálogo da professora com a família**. A inserção é um processo complexo que envolve transformações e mudanças para todos: criança, família e professoras, reconhecendo que os responsáveis também vivenciam esse período de novidades e mudanças na rotina. Assim sendo, parece-nos fundamental que instituição e profissionais organizem e planejem os espaços a fim de receberem os familiares neste novo ambiente, proporcionando a eles segurança e confiança. Esse momento é muito importante para ambos, pois permite a eles se conhecerem e trocarem informações que contribuem para o sucesso desse período.

Ademais, na questão que busca compreender o modo como a família se relaciona com as professoras se referiram da seguinte maneira: *Eu acho bem importante no processo de inserção conversar constantemente com a família para conhecer a criança que está sendo*

recebida (Laura). Portanto, pode-se dizer que essa professora, reconhece que os pais são os que mais conhecem a criança, sabem os cuidados e esse conhecimento facilita o relacionamento.

Durante a observação da prática pedagógica, as professoras Laura e Camila demonstraram em suas atitudes que estavam sempre tentando manter diálogo com a família na hora da entrada, falavam sobre o comportamento da criança na instituição, com objetivo de escutar também os pais. Isso pode ser confirmado com um fragmento do diário de campo:

No dia 22 de janeiro a avó da criança veio disposta a ficar o tempo necessário com seu neto. Enquanto brincava com a criança a avó trava um diálogo com a professora e começa a fornecer informações importantes sobre a criança até então desconhecidas pela professora. A docente aproveita a oportunidade e começa a questionar a avó, ela relata as manias, hábitos e o relacionamento familiar da criança. Quando a avó se retira da sala, a professora relata que considera de extrema importância essas informações para construção de seu planejamento. (Diário de campo 22/01/2014).

Esse diálogo acima aponta que a professora se preocupa em escutar os familiares, conhecer a criança e ainda valoriza que as informações fornecidas pela família qualificam e contribuem com seu planejamento de inserção.

Baladan (1988, p.83), ao abordar sobre a importância da relação instituição e família, destaca que:

O primeiro encontro com os pais, realizado antes e quando as crianças entram para o seu programa, é vital para você aprender algo sobre as crianças. Ele estabelecerá o tom no seu relacionamento com a família e influirá no tipo de contato que farão no transcorrer do ano. Você e os pais começarão a formar uma opinião uns sobre os outros. Depende de você o estabelecimento desse tom por meio de sua amabilidade, da sua franqueza e da sua capacidade de ouvir e de evitar fazer julgamentos. No primeiro encontro poderá ficar sabendo sobre as preocupações e aspirações dos pais em relação aos filhos. Os pais poderão sentir o seu interesse neles, assim como o seu interesse por seus filhos e filhas.

As afirmações das participantes e o autor Baladan (1988) evidenciam que a interação família x instituição contribuem para entrada da criança, afinal ficou evidente que as informações fornecidas pelos responsáveis contribuem com o planejamento das professoras e as informações fornecidas por elas deixam os pais mais tranquilos e seguros com a inserção da criança nesse novo ambiente.

Entretanto, se faz presente também nas citações das professoras a ausência de um tempo para receber, atender e conversar com as famílias, antes e durante a inserção: *Falta de interação da família com a instituição, a ausência de reuniões com os pais dos alunos e*

professores de cada turma, para trocar informações (Laura). Nesse intento, pode-se dizer que a professora se preocupa em manter um contato com a família e considera pertinente reunião durante a inserção para trocar informações, já a outra docente complementa a importância de que cada criança tem seu tempo de inserção, suas individualidades e especificidades que precisam ser respeitadas. Desse modo é conveniente manter sempre o contato com a família: deve existir mais contato entre pais e professores, afinal cada criança tem seu tempo de inserção. Respeitar as crianças, a individualidade é um fator importante. Muitas vezes, cinco minutos de conversa é o suficiente (Camila).

As citações das professoras e as observações confirmam a necessidade de um tempo específico para receber os pais. Conforme registro do diário de campo, os pais chegam à instituição com as crianças sem conhecerem as professoras de seu filho/filha ou ao menos sem conversar antes de deixá-los no C.E.I. Os dias de observação confirmam a fala das entrevistadas, quando relatavam que os pais chegavam à instituição para deixarem as crianças já atrasados para o trabalho, dessa forma entregavam as crianças no colo da professora e saíam demonstrando muita pressa. Outros pais demonstravam interesse em conversar com a professora, entretanto o horário que as crianças são recebidas só tem uma das professoras na sala. Dessa forma é difícil para a professora dar atenção aos pais quando já tem um número significativo de crianças para atender.

Baladan (1988), sob o tópico de “visitas antes do início das aulas”, sugere o contato inicial com a instituição antes de começar a frequentar. Uma alternativa interessante para a concretização dessa ideia, seria fechar a instituição um dia para os pais, juntos, com seus filhos conhecerem a mesma e se familiarizarem com a professora. É um momento de interação e troca de informações, família e instituição. É importante escolher um local para guardar os pertences da criança, identificar com nome. Essas iniciativas ajudam a criança e os pais a terem uma entrada mais tranquila e criar uma identificação com o espaço.

A análise desta categoria nos levou a perceber a necessidade da instituição a organizar um espaço, ter um tempo específico para receber as famílias antes da entrada da criança na instituição, já que ficou evidente que é indispensável firmar diálogo com família, afinal são os pais que mais conhecem a criança, eles são fontes de informações que contribuem com o sucesso do relacionamento e do planejamento de inserção.

Em relação a esse assunto destacamos outra categoria: a **necessidade de organizar o acolhimento das famílias**, assim como a importância e a necessidade de um espaço definido e organizado na instituição para receber os familiares. Estas ideias já se fizeram presentes na fala das pesquisadas na categoria anterior, quando afirmaram que um dos fatores que

interferem na interação família e instituição é a ausência de um tempo/ espaço organizado para acolher e receber as famílias.

Nesse intento, as afirmações das professoras vêm sendo confirmadas novamente nessa categoria quando afirmam: *quando os pais chegavam não sabiam onde era a sala de seus filhos e quem eram as professoras. Faltou acolher os pais. Não teve um espaço para atender os pais* (Camila).

Na observação de campo registramos a ausência de um espaço organizado e planejado para receber os pais. O planejamento para o período de inserção não contou com uma visita prévia antes de a criança começar a frequentar a instituição. Porém, o primeiro dia dos pequenos foi planejado pelas profissionais a fim de receber todos no mesmo momento, foi organizado espaços com materiais da leitura, argila, desenho e pintura, parque entre outros. Entretanto, não foi pensando em um espaço acolhedor para receber a família, onde os mesmos pudessem ser ouvidos e atendidos em seus anseios e dúvidas e ainda conhecerem e se familiarizarem-se com as professoras de seu filho/a.

Esse registro afirma a resposta das pesquisadas. Em entrevista elas apontam suas preocupações com relação à necessidade de um espaço direcionado para acolher os pais e assim dar uma atenção individualizada proporcionando o conhecimento mútuo. Isso é o que garante os Parâmetros Nacionais quanto à qualidade para Educação Infantil:

Antes de a criança começar a frequentar a instituição de Educação Infantil, são previstos espaços e tempos para que mães, pais, familiares e/ou responsáveis, professoras, professores, gestoras e gestores iniciem um conhecimento mútuo. (BRASIL, 2006, p.32).

Portanto, cabe à instituição a função social de conduzir da melhor maneira esse período, assim a partir dessa necessidade as profissionais da educação assumem um papel fundamental de organizarem os espaços a fim de receberem os responsáveis com toda cautela, criando, assim, vínculos afetivos que permitem uma troca de informações e ideias que venham a enriquecer o planejamento. O envolvimento e o interesse da professora pelo sucesso da inserção demonstram aos pais que ela quer sua presença na instituição. Essas atitudes transmitem segurança quanto ao ambiente institucional e às profissionais.

Ainda ao que se refere à importância da relação família e CEI apresentamos a categoria **contribuição da família no período de inserção**. Os pais contribuem na inserção dos filhos quando reconhecem a complexidade do processo de inserção e se disponibilizam a

ajudar o professor nessa fase, mantendo um diálogo constante com a criança e apresentando confiança nesse novo ambiente institucional.

Em concordância a essa afirmação, quando questionamos sobre a interferência dos pais no período de inserção dos filhos, obtivemos as seguintes respostas: *é importante que os pais cheguem para deixar seus filhos conversando com eles, deixando claro à criança que vai ficar nesse ambiente, mas depois virão buscá-la, passando segurança ao ambiente escolar* (Laura). *Os pais contribuem quando entram e conversam com seus filhos, se despedem e transmitem segurança, pois com o tempo eles vão se aproximando e tendo carinho para conosco.* (Camila).

Dessa forma, as duas docentes demonstram que reconhecem que os pais contribuem positivamente para o sucesso do período, quando participam desse demonstrando paciência, tranquilidade, conversando com a criança e transmitindo segurança quanto a esse novo ambiente.

A esse respeito, coloca-se a seguir o registro que foi realizado durante a observação:

A criança chegou chorando muito no colo da avó. A avó diz: _ Pronto, pronto, avó vai ficar com você. Avó brinca com ele e ainda assinala:_ não precisa chorar. Avó sentou-se no tapete com o neto no colo e ficou brincando com alguns objetos que estavam à disposição. Ela permaneceu na sala um longo período de tempo, conversou com a professora e interagiu com as demais crianças, enquanto isso seu neto se acalmou parou de chorar e começou a brincar na companhia da avó. Ela o acompanhou até o momento do café, ofereceu a alimentação e quando a criança se distraiu ela saiu escondida sem se despedir, o pequeno terminou seu café e se direcionou à sala na companhia das professoras, apresentando um comportamento tranquilo. (Diário de campo 21/01/2014)

Cabe ressaltar que a atitude de fuga em minha opinião não é a melhor saída, os responsáveis devem assumir uma postura segura e conversar com a criança, explicar que agora ela vai ficar na instituição, mas que depois eles virão buscá-la passando segurança no ambiente institucional.

O registro de observação acima mostra a importância da participação da família na fase de inserção. Contudo cabe ressaltar a presença dos familiares nos primeiros dias na instituição com sua participação e envolvimento nos momentos (rotina) da instituição contribuem para que a criança sinta-se mais segura e tranquila nesse novo ambiente. Em vários momentos, observamos a importância que a professora deu para a presença da responsável em sala. A docente, em todos os momentos, manteve um diálogo, envolvendo a avó na rotina e nas atividades diárias desenvolvidas, convidava a avó para participar dos

momentos de rotina com a criança e durante esse tempo ela aproveitava para se aproximar da criança e criar vínculos.

Davini, (1999, p.48) destaca a importância da contribuição da família quando afirma que os professores:

Queremos que os pais sejam parceiros, cúmplices de nossos objetivos e que possam nos atender nos momentos de divergência ou conflito, que com certeza passaremos. Desejamos que os pais possam nos ajudar com participação e interesse e que adaptação seja o mais humana e tranquila para ambos.

Desse modo, é conveniente afirmar que a família interfere de forma positiva na inserção quando se disponibiliza a participar efetivamente dessa nova fase da criança, transmitindo segurança nesse novo ambiente institucional. Contribui também quando constrói vínculos com a instituição e troca ideias com as professoras colaborando no planejamento de inserção. Brasil (1998, p. 80) alerta que as professoras devem:

Acolher os pais com suas dúvidas, angústias e ansiedades, oferecendo apoio e tranquilidade, contribui para que a criança também se sinta menos insegura nos primeiros dias na instituição. Reconhecer que os pais são as pessoas que mais conhecem as crianças e que entendem muito sobre como cuidá-las pode facilitar o relacionamento. Antes de tudo, é preciso estabelecer uma relação de confiança com as famílias, deixando claro que o objetivo é a parceria de cuidados e educação visando ao bem-estar da criança.

De acordo com o documento “Referencial Curricular para Educação Infantil” e a partir das observações e entrevistas com as docentes ficou claro que o trabalho desenvolvido na instituição se complementa com ação da família. Portanto, é indispensável valorizar sua presença na instituição.

Os fatos analisados nessa categoria demonstram que o trabalho desenvolvido na instituição de Educação Infantil é complementar a ação da família. Nesse ínterim, a interação entre ambos são importantes para o processo de inserção. Porém, as respostas e observações deram a entender que há uma falta de prioridade do acolhimento das famílias no período de inserção e essa necessidade vem a dificultar a interação entre família e instituição.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa analisou como é entendido pelas professoras o processo de inserção da criança de 1 a 2 anos na Educação Infantil em um Centro de Educação Infantil, a partir de um referencial teórico, observações, questionários e entrevistas com as professoras de crianças nessa faixa etária.

Considerando-se o papel da professora na relação com a criança ficou evidente a partir das entrevistadas e da observação, a importância da afetividade, pois essa dimensão diz respeito a um modo de se comunicar, ou seja, as relações estabelecidas entre criança e professora. Afinal, corporalmente as crianças de 1 a 2 anos se comunicam, essa relação permite a construção de vínculos afetivos entre criança e professora, tornando-se a ela a figura de apego e de segurança.

É importante considerar que no momento a professora assuma uma postura de observadora, onde as singularidades de cada criança sejam levadas em consideração. Contudo, a partir dessas observações, cabe à professora planejar as atividades pedagógicas de forma a contemplar todas as diferenças, ou seja, respeitar cada criança em suas particularidades, ainda mais, interagir diretamente nas atividades, pois esse contato estabelece um maior vínculo com o grupo. Aqui é importante refletir que a interação também é a dimensão afetiva, afinal a mesma garante parte da comunicação e de relacionamento entre as crianças e professoras.

Nesse intento, em relação ao papel da professora com o planejamento ficou evidente a importância de um planejamento específico para a inserção, envolvendo a participação da família antes do ingresso da criança na instituição. Entretanto, fez-se presente nas repostas das professoras a preocupação com relação a esse espaço/ tempo para realizar uma entrevista prévia com os responsáveis. De acordo com as pesquisadas, a inserção é um processo singular de cada criança, dessa forma fica evidente a importância de organizar um espaço familiar e acolhedor que atenda as crianças em suas necessidades e singularidades. Reconhecendo que a criança é um sujeito singular não podemos desconsiderar que o tempo de inserção é diferente para cada criança. Nas entrevistas e nas observações ficou evidente a preocupação das professoras em respeitar esse tempo de permanência das crianças nos primeiros dias na instituição, que inicia-se com tempo mais reduzido e conforme a criança vai sentindo segurança, esse tempo aumenta gradativamente. Outra categoria a destacar são os aspectos etários. As entrevistadas reconhecem a importância de levar em consideração as especificidades relacionadas ao conhecimento/reconhecimento do desenvolvimento infantil.

Contudo, voltando-se à relação entre C.E.I e família não restam dúvidas que a parceria com a família facilita na inserção das crianças. O diálogo constante permite a troca de informações, contribuindo para o sucesso da inserção. Entretanto, acompanhando atentamente a instituição e a fala das professoras, percebe-se uma falta de prioridade de um tempo/espço organizado para receber e acolher as famílias na Educação Infantil, dificultando assim a interação família e instituição.

Essa pesquisa espera contribuir para futuras discussões referentes à inserção nas instituições de Educação Infantil e oferecer subsídios para futuras práticas pedagógicas. No entanto, outros estudos se fazem necessários para ampliar os conhecimentos sobre o tema abordado.

Diante da relevância do tema em estudo, fica evidente o privilégio em desenvolver esta pesquisa no C.E.I no qual leciono. Foi gratificante em ter a oportunidade de acompanhar e observar as professoras e as crianças no período de inserção e ouvi-las quanto seus anseios, necessidades e dúvidas. Com relação a esse período, pode-se afirmar que foi muito produtivo. Essas informações e vivências ampliaram os horizontes e contribuíram para concretização dessa pesquisa, além dessas contribuições sinto-me lisonjeada em futuramente compartilhar os resultados obtidos na pesquisa com a instituição, promovendo uma discussão sobre a inserção, e em especial contribuindo de forma indireta para garantia de uma inserção de qualidade para as crianças.

No entanto, como toda pesquisa não se estanca, pois novas questões poderão surgir, nesta não foi diferente. Alguns questionamentos, ao longo da pesquisa, ainda permaneciam vivos em meu rol de dúvidas, tais como: a voz e os sentimentos das crianças estão sendo respeitados? Como está acontecendo essa relação CEI e família? Os pais têm a oportunidade de diálogo com as professoras dos filhos? As professoras estão sendo ouvidas em seus anseios dúvidas e necessidades? Que outros recursos e estratégias a instituição poderia adotar para aproximar a família do C.E.I? Considerando que o planejamento, o espaço e a rotina são estratégias indispensáveis para o sucesso da inserção, como estão sendo utilizados? O tempo de inserção está sendo respeitado?

Porém, ao fim desta pesquisa, mesmo não estanque, também ficaram muitas certezas: A importância do tema abordado, a valorização da inserção na Educação Infantil, a importância da relação entre criança e professora para construção de vínculos afetivos, o reconhecimento de uma professora atuante e observadora que escute a voz das crianças e as respeitem em suas singularidades. A necessidade de um planejamento específico para o período de inserção e a importância da relação de parceria entre C.E.I e família.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BALADAN, Nancy. **O início da vida escolar: da separação à independência**. Porto Alegre: 1988.
- BORGES, Maria Fernanda Silveira Tognozzi. O olhar do psicólogo sobre a adaptação: Quando crianças de 0 a 6 anos ingressam em instituições infantis. In: SOUZA, Regina Célia de; BORGES, Maria Fernanda S. Tognozzi. (Org.). **A práxis na formação de educadores infantis**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p . 27-34.
- BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**. Brasília, DF: Senado, 1990.
- BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional: Lei nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996**. Brasília: DF, MEC, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de educação básica. **Diretrizes curriculares nacionais para educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil: Introdução**. Vol.1. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**. Brasília: DF, MEC, 2006.
- BRASILEITURA. (Ed.). **Dicionário escolar da Língua Portuguesa**. Blumenau: 1998.
- BROWNE, Naima. O desenvolvimento social e emocional das crianças. In: PAIGE-SMITH, Aline et al. (Org.). **O desenvolvimento da prática reflexiva na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2010. p. 86-103.
- DAVINI, Juliana. Enfrentando conflitos de separação: a adaptação na escola de educação infantil. In: DAVINI, Juliana; FREIRE, Madalena. (Org.). **Adaptação pais, educadores e crianças enfrentando mudanças**. São Paulo: 1999. p.45-58.
- GANDINI, Lella; GOLDHABER, Jeanne: Duas Reflexões sobre a documentação. In: GANDINI, Lella; EDWARD, Carolyn. **Bambini**. (Org.). **Bambini: A abordagem Italiana à educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2002. p.150-169.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.
- KRAMER, Sônia. **A política da pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.
- KRAMER, Sonia et al. **Com a pré escola nas mãos: uma alternativa curricular para educação infantil**. 14. ed. São Paulo: Ática, 2002.

MARACAJÁ. Departamento Municipal de Educação e Cultura. Regimento Interno do CEI. 2014.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratamento de metodologia científica**. São Paulo: Pioneira, 1997.

OLIVEIRA, Zilma ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.

RAPOPORT, Andrea. **Adaptação de bebês a creche: a importância da atenção de pais e educadores**. 2.ed. Porto Alegre: Mediação, 2008.

ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde; VITORIA, Telma; GOULARDINS, Liliane Gonçalves. Quando a criança começa a freqüentar a creche ou pré-escola. In: ROSSETTI-FERREIRA, Maria Clotilde et al. (Org.). **Os fazeres na educação infantil**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 47-51.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina: Educação Infantil, ensino fundamental e médio: disciplinas curriculares**. Florianópolis: COGEN, 1998.

SIENA, Osmar. **Metodologia da pesquisa científica: Elementos para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos**. Porto Velho: [s.n], 2007.

VIDAL, Jussara. O processo de adaptação nos centros de juventude. In: DAVINI, Juliana; FREIRE, Madalena. (Org.). **Adaptação pais, educadores e crianças enfrentando mudanças**. São Paulo: 1999. p.17-20.

ZANINI, Juliana Quint dos Santos; LEITE, Rachel Winz. Sobre afetividade e construção de vínculos na Educação Infantil. In: OSTETTO, Luciana Esmeralda. (Org.). **Educação Infantil: Saberes e fazeres da formação de professores**. São Paulo: Papyrus, 2008.

APÊNDICE(S)

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
Questionário aplicado aos professores

Prezado (a) professor (a),

Eu Franciane da Silva, acadêmica do curso de Especialização em docência na Educação Infantil da UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina, juntamente com minha orientadora Regina Ingrid Bragagnolo, venho por meio deste solicitar sua colaboração para realização do meu trabalho de conclusão de curso.

Os dados aqui coletados serão utilizados apenas para fins de pesquisa, sendo que será mantido sigilo quanto ao nome dos sujeitos envolvidos.

Pedimos sua colaboração no sentido de responder as perguntas solicitadas, as quais têm como objetivo, subsidiar a pesquisa.

Desde já agradecemos, sinceramente, a sua preciosa colaboração.

Regina Ingrid Bragagnolo
Orientadora

Franciane da Silva
Acadêmica

Idade: _____

1- Qual sua formação:

- | | |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> magistério | <input type="checkbox"/> pós graduação completa |
| <input type="checkbox"/> cursando graduação | <input type="checkbox"/> mestrado |
| <input type="checkbox"/> superior completo | <input type="checkbox"/> doutorado |
| <input type="checkbox"/> cursando pós-graduação | |

2- Qual a sua jornada de trabalho?

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Até 20 horas semanais | <input type="checkbox"/> Até 40 horas semanais |
| <input type="checkbox"/> Até 30 horas semanais | <input type="checkbox"/> mais de 40 horas semanais |

- 3- O que você entende por inserção?
- 4- Em sua opinião qual o papel da professora no processo de inserção?
- 5- Como a organização do espaço e a rotina estruturada contribuem no período de inserção das crianças da educação infantil?
- 6- Você pensa que os pais interferem no processo de inserção de seus filhos? De que forma?
- 7- Como é feito o processo de inserção da criança que entra no C.E.I?
- 8- Quanto tempo depois que entrar no C.E.I pode-se dizer que a criança está inserida?
- 9- Como é realizado o planejamento no período de inserção?
- 10- O que você leva em conta ao planejar neste período?